

## A PRÁTICA DE SEMINÁRIOS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DAS CIÊNCIAS EXATAS

Israel Soares de Lyra Júnior (UFRN)

### RESUMO

O seminário é considerado um gênero oral formal trabalhado com certa constância em sala de aula, no entanto, as suas aplicações e execuções no ambiente de ensino vêm comprometendo os propósitos comunicativos e pedagógicos deste (DOLZ *et al.*, 2004; SILVA, 2015). O presente trabalho objetiva contribuir tanto para os estudos da área dos gêneros orais quanto para as utilizações do gênero seminário em sala de aula, por meio da análise de gravações em vídeo e de suas respectivas transcrições de oito seminários apresentados em uma turma de disciplina de Ciências Exatas. Em um primeiro momento, observam-se os movimentos e passos retóricos presentes nos seminários analisados, com base em Swales (1990, 2009); e, em um segundo momento, a sua constituição linguístico-discursiva, com base em Dolz *et al.* (2004). Fundamenta-se também a análise nas concepções do gênero seminário conforme Bezerra (2003), em noções de tripolaridade do gênero defendidas por Schneuwly (2004); nas contribuições acerca do *continuum* entre oralidade e escrita realizadas por Marcuschi (2001) e Marcuschi e Dionísio (2007), no trabalho de Silva (2013), sobre os processos de retextualização envolvidos na produção de seminários. Foi tomado como fundamento teórico ainda a concepção de Ghelli (2010), no que se refere ao papel da educação com o intuito de preparar o aluno para pensar e principalmente para ser crítico e criativo. Verifica-se no *corpus* estudado a ocorrência de cinco movimentos retóricos: Introdução do seminário, Introdução do tema, Desenvolvimento, Conclusão e Interferência do auditório, constituídos por uma variedade de passos que se organizam sem hierarquização e apresentam conteúdos restritos, quase sempre, à repetição de enunciados de textos que serviram de base aos seminários. Constata-se também a ausência de organizadores temporais e temáticos, bem como o emprego de expressões coloquiais para a situação comunicativa envolvida na análise.

**Palavras chave:** linguística textual. gêneros orais. seminário.

### Fundamentação teórica

É fato, conforme Dell’Isola (2013) que trabalhos com relação à oralidade nas aulas de Língua Portuguesa estiveram no vácuo, sendo tratados como algo simples e não muito necessitado de práticas e sequências didáticas bem desenvolvidas. Ainda conforme a autora, nada era falado, até um certo tempo atrás, sobre o assunto e a linguagem oral não era tida como objeto de ensino-aprendizagem. O máximo que havia com relação à prática da oralidade eram simulações de fala, como a leitura de textos em voz alta, afinal, de acordo com a autora, bastava que o aluno lesse os textos em voz alta para que se configurasse um trabalho com o “oral”, no entanto, consoante a autora:

A oralização da escrita não é produção de gênero oral, ou seja, está longe de ser uma conversa, uma expressão falada de uma ideia, um ponto de vista, uma opinião, um argumento, um conselho, um texto com um propósito definido e socioculturalmente delimitado. (Dell’Isola, 2013, p 10-11)

No entanto, para compreender melhor os fenômenos da oralidade e também suas possibilidades de ensino em sala de aula, alguns elementos precisam ser definidos. O que é oralidade? O que é Fala? Conforme Marcuschi (2004), a oralidade se configura como “uma prática social interativa, para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais, fundados na realidade sonora; a oralidade vai desde uma realização mais informal até o mais formal nos mais variados contextos de uso”. Com relação à fala, Marcuschi (2004) define como “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano”. Dessa maneira, a fala é uma das tecnologias por meio das quais se pode desenvolver a oralidade.

Considerando a citação saussuriana de que “é o ponto de vista que cria o objeto”, e relacionando-o agora ao gênero seminário que é o foco dessa discussão, é importante perceber, conforme constatou Ana Regina Ferraz Vieira, que a palavra “seminário” também sofreu modificações em seu significado de acordo com o tempo, afinal, dicionários datados dos anos 60-70, apresentam acepções desse termo como sendo ou “escola de formação de sacerdotes”, ou “o conjunto de educadores dessa instituição”. Somente após décadas depois que o termo definido por verbete passou a conter a nova acepção: “congresso científico ou cultura, com exposição seguida de debate”.

Ainda com relação ao termo, sabe-se que a sua etimologia deriva da palavra latina “semen”, ou seja, semente. O termo e sua significação são oportunos, afinal o seminário consiste em uma apresentação de conteúdos em que o aluno ocupa o papel de especialista (DOLZ *et. al.*, 2004 [1998]; SILVA, 2013). Além disso, a prática de seminários propicia o desenvolvimento da capacidade de pesquisa e de análise, promovendo uma participação do aluno na construção do saber (DOLZ *et al.*, 2004). Dessa forma, atendendo à etimologia, o seminário enquanto gênero pode ser tido como uma semente no processo de aprendizado, sendo o(s) expositor(es) o semeador.

No entanto, para caracterizar esse elemento linguístico como uma unidade textual, é preciso compreender que o que se chamam de “textos” são unidades de comunicação empíricas, sejam elas orais ou escritas (Zanotto, 2005). Além disso, ainda é preciso compreender que, conforme Bronckart (1999), o “texto designa toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário”. Ainda se pode afirmar, conforme Bakhtin (1992), que um texto se encerra quando o locutor considera sua produção verbal suficiente o bastante e merecedora de uma “atitude responsiva ativa”, que pode ser “uma concordância, uma adesão, uma objeção, etc...” (Bakhtin, 1992). Ainda se pode tomar a perspectiva de Maingueneau (2002) como forma de aportar teoricamente a definição de texto. Para o autor, um texto é: uma organização situada para além da frase, ou seja, possui contexto de enunciação, enunciadores, ato

de fala, ação/reação etc.; Além disso, para Maingueneau, o texto é algo orientado, isto é: produzido por um enunciador, com uma finalidade específica; também com relação ao conceito de texto, o autor o tem como uma forma de ação interativa contextualizada, assumida por um sujeito, regido por algumas normas.

Seguindo tais linhas de raciocínio, o seminário é considerado texto pelo seguinte motivo: trata-se de uma mensagem produzida oralmente, por um grupo de locutores que produzem uma mensagem linguisticamente organizada, a qual tem a função de produzir sentido nos interlocutores. Além disso, a produção desse texto, gera tende a gerar uma atitude responsiva ativa (Bakhtin, 1992), seja concordância, seja discordância, seja objeção ou qualquer outra reação que suceda a realização do texto oral. Ainda é importante relacionar o seminário à categorização de Maingueneau (2002). Sabe-se que o seminário possui um contexto de enunciação, é orientado a um objetivo, possui uma finalidade específica no âmbito escolar, é contextualizado, assumido por um ou mais sujeitos, e possui algumas normas que regulamentam o seu funcionamento relativamente estável.

Não desconsiderando a linha de raciocínio a respeito dos tipos textuais e gêneros textuais, é importante compreender que, conforme Scheneuwly (2004), a moda das tipologias acabou por ceder lugar à dos gêneros. Esses gêneros podem ser definidos, segundo Marcuschi (2002), como “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Dessa forma, ganham vantagem em relação àqueles por abrangerem uma quantidade maior de eventos socimocomunicativos. Os gêneros são utilizados, diariamente, visando a comunicação humana e estão contidos nas mais diversas esferas sociais, organizando e estabilizando as atividades comunicativas, para que ocorram de acordo com a situação de interação em que os indivíduos estejam presentes.

Seguindo a perspectiva exposta, a do interacionismo social, Scheneuwly (2004) aponta que, “a atividade é necessariamente concebida como tri-polar, a ação é mediada por objetos específicos, socialmente elaborados, frutos de experiências das gerações precedentes através dos quais se transmitem e se alargam as experiências

possíveis”. Essa atividade comunicativa dada como tripolar funciona numa organização que inicia no sujeito, passa pela situação e a partir dos dois anteriores, escolhe-se o instrumento que será utilizado. Em outras palavras, existem três polos numa situação de interação comunicativa: o sujeito em questão, a situação em que ele se encontra e o instrumento que será utilizado para suprir a necessidade comunicativa daquele momento.

Schewewly (2004) afirma ainda que “a transformação do instrumento transforma evidentemente as maneiras de se comportar numa situação”. Dessa maneira, os gêneros orais devem se adequar às situações cotidianas a fim de atingir a plenitude da intenção comunicativa. Schewewly () ainda diz que “O instrumento, para tornar-se mediador, para tornar-se transformador da atividade, precisa ser apropriado; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito os esquemas de sua utilização. Ou seja, caso a articulação oral não seja eficaz, esta não se configurará como mediadora da atividade, pois não proporcionará o efeito a que se propôs. Dado isso, o ensino de práticas orais por meio da educação básica deve ser um elemento crucial para o desenvolvimento do aluno e suas práticas sociais.

Ainda com relação ao gênero textual, mas partindo de um ponto de vista teorizado por Marcuschi, temos:

Conforme Marcuschi (2002), sendo o gênero um “Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.”. E o que seria ordenar e estabilizar as atividades comunicativas ocorridas diariamente? Esses dois aspectos típicos do gênero são características importantes porque definem até onde um gênero pode ir com relação à estrutura, no entanto, determinar esse limite de organização textual não limita ou impede a criatividade, afinal, “mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa” (Marcuschi, 2002). E não enrijecem ou estancam essa ação criativa afinal, conforme ainda defende o mesmo autor, os gêneros:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.”  
MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: DIONISIO, PAIVA, Ângela, 2002)

Essa relação com inovações tecnológicas em função da maleabilidade do gênero diz respeito ao seminário, objeto de estudo desse artigo. Afinal, historicamente o seminário surgiu no contexto industrial e tinha a finalidade de divulgar entre um grupo de pessoas – responsáveis por uma empresa, por exemplo – novos projetos, novos produtos e novas situações, além de novas formas sobre como lidar com esses produtos, esses projetos e essas situações, atualizando e modernizando produtos e procedimentos. No entanto, apesar de surgir nesse contexto, o gênero seminário atingiu as escolas e passou a ser utilizado como um gênero textual utilizado em sala de aula. Além disso, sofreu diversas alterações conforme a tecnologia evoluiu, como é possível observar. Os cartazes deram lugar aos *Slide shows* produzidos em *Power Point* ou *Prezi*, por exemplo.

O seminário é considerado como um gênero oral formal que, na esfera acadêmica, ocorre em diferentes situações, entre as quais em salas de aula. Apresentado por alunos de graduação no contexto de disciplinas, o seminário consiste em uma apresentação de conteúdos em que o aluno ocupa o papel de especialista (DOLZ *et. al.*, 2004 [1998]; SILVA, 2013). Nesse contexto, a oralidade e a escrita são duas modalidades da língua interdependentes em alguns gêneros, como o seminário, conforme Marcuschi (2001). Ainda com relação à consideração de seminário como gênero, ainda é possível saber que:

o seminário é mais um gênero discursivo, pois sua composição (discussão oral, apoiada em textos escritos, estruturada em apresentação do tema, discussão e avaliação final, ou seja, envolvendo sequências textuais expositivas, descritivas, argumentativas e/ou narrativas) estrutura-se de acordo com necessidades comunicativas dos membros de um grupo social (no caso, alunos e professores), usando estruturas linguísticas

semiformais, com o objetivo de estudar e refletir sobre certo tema (BEZERRA, 2003, p. 04).

Bezerra (2003) ao afirmar que o seminário é um gênero por ter uma composição estruturada de acordo com necessidades comunicativas entre alunos e professores, por meio e estruturas linguísticas e extralinguísticas próprias, entra em conformidade com toda a fundamentação teórica até agora exposta, afinal, partindo de Schenewly (2004), que defende o gênero como tripolar (indivíduo > ferramenta > objeto), dessa maneira, há um indivíduo que busca produzir algo (sentido), utilizando-se de uma ferramenta com características próprias (o gênero seminário) a fim de atingir um objetivo, que é: a participação do aluno como especialista no assunto, como forma de facilitar o aprendizado para os seus próximos (DOLZ et. al., 2004 [1998]; SILVA, 2013).

Em consonância com Dolz *et al.* (1998), Ghelli (2010) afirma que o conhecimento não está pronto, mas é algo que é construído e reconstruído constantemente. Sendo assim, é função das escolas que trabalham com o ensino superior, construir esse saber e preparar o aluno para pensar e principalmente para ser crítico e criativo. Ou seja, como o seminário tem a função de por um ou mais aluno(s) em situação de especialista, a construção do conhecimento a partir do seminário poder-se-á existir em duas vias: aluno especialista > demais alunos; demais alunos > aluno especialista; de tal forma que, a partir da interação produtiva com finalidade de construir conhecimento e raciocínio crítico, além de criatividade, o aluno universitário estará pronto não só para dominar o assunto, mas também para saber expô-lo em situações cabíveis e necessárias.

Com a percepção de que o seminário atua em duas vertentes importantes – o conhecimento mútuo e a exposição eficiente – é que fica provada a eficiência desse gênero. No entanto, conforme já contextualizado, a crise que envolve o conceito e a aplicação desse gênero em sala de aula compromete o seu objetivo e sua função, sendo assim, faz-se necessário observar-se e utilizar-se deste de forma mais cuidadosa

por parte de professores e alunos, afim de que esses objetivos e essas funções sejam concretizadas.

Dadas as considerações que permeiam a noção de gênero e a noção de seminário, há ainda outra linha de raciocínio (cujo método foi adotado nessa pesquisa) dos movimentos retóricos, defendida por Swales. Para ele, sua noção de gênero é “ecletica”, afinal, se dá pela reunião de várias ideias de vários campos de estudo.

Foi tomado por referência, nessa pesquisa, os estudos da Análise de Gênero proposta por Swales (1990) para apontar os movimentos retóricos mais representativos em exemplos de seminários gravados e transcritos do ensino superior. Ou seja, buscou-se por aqueles movimentos e passos que são recorrentemente encontrados nos textos orais analisados.

O que se tem como movimentos retóricos, são segmentos textuais ou blocos discursivos que desempenham funções específicas nos textos. Consoante Swales (2004), são “unidades retóricas que executam funções comunicativas coerentes em discursos escritos ou orais”. Isto é, a abordagem de gênero proposta por Swales está focada na forma como os movimentos retóricos são articulados no texto, além de suas respectivas funções retóricas que podem ajudar a identificar e entender o propósito comunicativo a que o gênero se propõe.



Resultados

Tabela 1 - Organização retórica dos seminários

DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO RETORICA DE SEMINÁRIOS DE GRADUANDOS								
SEMINÁRIO	Sem 1	Sem 2	Sem 3	Sem 4	Sem 5	Sem 6	Sem 7	Sem 8
<b>MOVIMENTOS E PASSOS</b>								
<b>INTRODUÇÃO DO SEMINARIO</b>								
1.Saudação inicial								
2.Indicação do tema								
3. Apresentação do roteiro do seminário								
<b>INTRODUÇÃO DO TEMA</b>								
4.Delimitação de teoria-base								
5. Apresentação de definições básicas								
6. Breve teorização								
7.Exposição de gráfico ilustrativo da teoria								
8. Reflexão acerca da teoria								
9. Contextualização do tema								
<b>DESENVOLVIMENTO</b>								
10. Breve explicação da metodologia								
11. Utilização de gráficos e tabelas com dados quantitativos								
12. Explicação de dados estatísticos								
13. Explicação de dados históricos								
14. Teorização detalhada								
15. Problematização								
<b>CONCLUSÃO</b>								
16. Apresentação de sugestões								
17. Reflexões acerca da importância das sugestões								
18. Síntese de ideias apresentadas								
19. Encerramento								
20. Agradecimentos								
21. Aplausos do público								
22. Bibliografia								
<b>INTERFERÊNCIA DO AUDITÓRIO</b>								
23. Comentários dos colegas								
24. Comentários do professor								

Fonte: Elaborado pelo autor

Como resultados finais referentes aos oito seminários que formam o *corpus* da pesquisa desenvolvida, observou-se os seguintes movimentos retóricos: Introdução do seminário; Introdução do tema; Desenvolvimento; Conclusão; Interferência ou participação do público. Os passos que constituem cada um desses movimentos serão detalhados a seguir.

## Análise

O seminário é considerado como um gênero oral formal que, na esfera acadêmica, ocorre em diferentes situações do cotidiano, entre as quais em cursos de graduação, como atividade avaliativa; também é comum a execução desse gênero em empresas e indústrias (de onde o gênero surgiu), a fim de discutir projetos e planos. O seminário consiste numa apresentação de conteúdos em que o aluno ocupa o papel de especialista em relação aos seus interlocutores (DOLZ *et. al.*, 2004 [1998]; SILVA, 2013) porque estando na posição de especialista, o aluno em questão deverá dominar o assunto de tal modo que possa repassa-lo com clareza aos demais. Além disso, a oralidade e a escrita são duas modalidades da língua que dependem uma da outra. Essa prerrogativa se torna nítida em alguns gêneros, como o seminário, conforme Marcuschi (2001).

Considerando-se a teoria de análise de gêneros proposta por Swales (1990), o seminário tem movimentos e passos retóricos próprios que podem variar conforme as diferentes áreas mais gerais e específicas de conhecimento, uma vez que os propósitos comunicativos e a natureza dos conteúdos variam. Entende-se por movimentos retóricos segmentos textuais ou blocos discursivos que desempenham funções específicas nos textos. Conforme Swales (2004, p. 228, esses movimentos são “unidades retóricas que executam funções comunicativas coerentes em discursos escritos ou orais”. Dessa maneira, para Swales, por meio de sua proposta sócio retórica, o texto e suas características devem ser analisados em sua produção pela sociedade. O método de análise dessas produções textuais consiste na busca e análise de partes do texto que compartilham a mesma intenção comunicativa, o que são chamadas de “unidades retóricas”.

Como resultados finais referentes aos oito seminários que formam o *corpus* da pesquisa desenvolvida, observou-se os seguintes movimentos retóricos: Introdução do seminário; Introdução do tema; Desenvolvimento; Conclusão; Interferência ou

participação do público. Os passos que constituem cada um desses movimentos serão detalhados a seguir.

Na **Introdução do seminário**, movimento que recebe esse nome por contemplar os passos de definição da situação comunicativa, observou-se os seguintes passos: Saudação inicial; Saudação inicial; Indicação do tema; Apresentação do roteiro do seminário

A Saudação inicial refere-se ao cumprimento à plateia, bem como à apresentação dos componentes do grupo, passos característicos do gênero-alvo, segundo Dolz *et al.* (2004 [1998]). Entre os oito seminários que constituem o *corpus* analisado, apenas em um caso houve saudação ao público, no seminário 6 - “Olá, bom dia!”. Quanto à apresentação dos componentes do grupo, ela não ocorreu em nenhum dos trabalhos. Isso revela uma divergência entre o que o gênero se propõe a fazer e o que realmente é feito, afinal, o seminário consiste em uma apresentação de conteúdos por meio da qual o aluno ocupa o papel de especialista em prol do desenvolvimento coletivo da turma (DOLZ *et al.*, 2004 [1998]; SILVA, 2013). No entanto, mesmo que o contato com o público não seja estabelecido da forma padrão (saudações, discurso direcionado ao público etc.), isso não significa que haja uma despreocupação dos produtores do seminário para com a turma, pelo contrário, isso pode refletir um engajamento prévio da turma que dispensa apresentações – uma forma já consolidada de relacionamento.

A Indicação do tema, outro passo constituinte do movimento de Introdução do seminário e presente em todo o *corpus* analisado, é de grande importância para que o público tenha consciência e clareza do que será falado no decorrer do seminário. Este exemplo ilustra o passo mencionado:

É perceptível que o título influencia diretamente no que o expositor irá falar. “O que o grupo irá falar” trata-se, então, de uma leitura oralizada do título do slide. Em outras palavras, o tema é apresentado meio da leitura do *slide*. Há inclusive uma reiteração (buscando certa espontaneidade) que apenas repete o que já foi dito por meio de leitura. Não há, então, nenhuma explicação sobre o tema.

- Roteiro da apresentação:

Apresentar o roteiro que delimita o conteúdo a ser apresentado é importante para não gerar demasiadas expectativas e também para mostrar detalhadamente onde inicia e onde se encerra a exposição. Foram observadas duas formas de apresentação desse roteiro: oralmente e descrita em slide, conforme exemplificado a seguir, respectivamente: :

Neste exemplo de roteiro oralizado, pode-se perceber, embora de forma um pouco confusa, o que há de ser feito durante a execução do seminário: 1, as mudanças populacionais; 2, o caso brasileiro; 3, conclusões acerca de tudo o que foi dito.

Ex. 4: :



Figura 1: Roteiro de apresentação do Seminário 1

Já no caso do roteiro (seja projetado – como é o caso – ou impresso), transmite uma noção mais ampla do que será, detalhadamente, a exposição. Como visto anteriormente, o roteiro oralizado contempla apenas 3 tópicos, enquanto o roteiro exemplificado no Ex. 4 há 5 tópicos específicos que dizem respeito ao trajeto da exposição.

Na **Introdução do tema**, movimento que recebe esse nome por contemplar elementos teóricos fundamentais ao desenvolvimento do tema, observaram-se os seguintes passos: Delimitação de teoria-base; Apresentação de definições básicas; Breve teorização; Exposição de gráfico ilustrativo da teoria; Reflexão acerca da teoria; Contextualização do tema.

A delimitação da teoria-base consiste em um passo importante para que se saiba a fonte das informações apresentadas. No entanto, embora tenham sido utilizados textos-base em todos os seminários, verificou-se uma tendência em sequer mencionar a autoria desses textos,, com a realização de seminários que consistiam em mera justaposição de informações de diferentes trabalhos sem a devida contextualização, e com o acréscimo de impressões pessoais dos alunos-expositores desprovidas de uma discussão sistematizada.

Abaixo segue um exemplo de conteúdos justapostos sem referência adequada a quem pensou ou sistematizou os conceitos:

Como é possível perceber no exemplo, não há como identificar a autoria de tal(is) prerrogativa(s). Estudar o envelhecimento da população é algo que requer tempo, dados e estudos de um determinado pesquisador ou grupo de pesquisa para que os resultados possam surgir, sendo assim, a fim de que os dados possam ser conhecidos e devidamente estudados pelos ouvintes, a necessidade de referenciar o que já foi dito antes por outros é algo imprescindível.

No entanto há uma exceção ao que foi encontrado de forma geral em meio ao corpus, uma forma de se introduzir teoria referenciando seu autor e a data em que foi publicada segue abaixo:

No exemplo acima, observa-se a explicação de uma teoria, do estudioso Warren Thompson. Com relação a esse estudo, ainda pode-se compreender no decorrer da fala, que este se deu no ano de 1929. A metodologia da pesquisa realizada por Thompson foi também ilustrada de forma que a explicação desse conceito se deu de forma clara.

Na Apresentação de definições básicas, os expositores buscam por organizar e classificar elementos teóricos que são imprescindíveis para o entendimento de toda a teoria.

Como se pode observar, o exemplo contém 4 elementos básicos que são necessários ao entendimento da teoria formulada por Thompson. Os elementos consistem em fases previamente anunciadas pelo expositor. Ainda é importante perceber que, em sua oralidade, o expositor organizou todo o esquema de forma coesa, delimitando as fases em: primeira, segunda, terceira e quarta.

Com relação à Breve teorização, observou-se que os expositores se puseram na posição de investigadores, afinal, ao olhar para um determinado fato, uma série de subjeções lhes vieram à mente. No decorrer dessas breves teorizações, a voz do aluno estava mais presente, de tal forma que seu senso crítico pudesse também fazer parte da discussão.

Outro passo que compõe o movimento de Introdução do tema é a Exposição de gráfico ilustrativo da teoria, que se apresenta como um complemento ao assunto, seguindo uma tendência da área de Ciências Exatas e da Terra., como se verifica neste exemplo:

Como é possível observar no exemplo, o elemento dêitico “Nesse gráfico” é o modo pelo qual o expositor chama a atenção do público ao gráfico que se encontra projetado. Além disso, a leitura do gráfico é realizada, apontando datas, números especificidades de cada parte do gráfico.

O passo de Reflexão acerca da teoria é reconhecido principalmente pela presença de elementos coesivos que introduzem reflexões, como neste exemplo.

O exemplo acima contém um fragmento de teoria, que antecede uma reflexão acerca do que foi dito. A partir de “certo que as pessoas” se inicia uma reflexão. O porquê de ocorrer o que é proposto foi o que procurou o expositor durante o fragmento.

Apresentar reflexões acerca da teoria em seminários é bastante significativo, pois pode revelar pensamento crítico e participação no processo de construção do conhecimento. . A seguir tem-se um exemplo de reflexão acerca do conteúdo teórico.

Um dos pontos mais importantes para se identificar este movimento retórico é a utilização de um elemento coesivo que proporcione a ideia de reflexão. No caso selecionado, tal elemento é o fragmento “a gente pode pensar...”. O que ocorreu ao final de tudo foi: uma explicação de conceito, com reflexão acerca dele. Será que esse conceito é eficaz?

- A Contextualização do tema é um passo que funciona como transição entre a Introdução do tema e o Desenvolvimento, em que o conteúdo é detalhado e aprofundado.

Em casos de seminários que tinham o objetivo de propor formas de solucionar ou aprimorar uma determinada realidade, o passo “Contextualização do tema” surgiu como forma de dar parâmetros para a comparação entre casos e levantar pontos positivos e negativos, a fim de levantar hipóteses do que seria a forma ideal de agir diante do cenário proposto.

Abaixo encontra-se um exemplo dessa contextualização de tema:

No fragmento selecionado, é evidente a utilização de datas, constituições e outros elementos históricos. Esses elementos que fazem menções a fatos que ocorreram no passado têm caráter contextualizador, ou seja, com base nesses elementos, o público será capaz de reconhecer, por exemplo, que se trata de algo do passado e não do presente. Além do mais, conhecer o que ocorreu no passado é necessário para se compreender o que ocorre no presente e também refletir acerca de mudanças futuras.

O movimento retórico de **Desenvolvimento consiste em** expor os resultados do trabalho. Como exposto anteriormente, a introdução dá suporte para o

desenvolvimento, isto é: fornece os recursos necessários para que o desenvolvimento – resultados – sejam claramente compreendidos. O movimento retórico de desenvolvimento é composto pelos seguintes passos: Breve explicação da metodologia; Utilização de gráficos e tabelas com dados quantitativos; Explicação de dados estatísticos; Explicação de dados históricos; Teorização detalhada; Problematização.

- No *corpus* analisado, a Breve explicação da metodologia mostra-se como um passo importante para esclarecer o processo de análise e discussão dos resultados expostos. Entretanto, uma vez que frequentemente não há uma indicação de autoria, muitas vezes não há clareza quanto ao trabalho a que a metodologia se refere. No exemplo a seguir, verifica-se a explicação da metodologia de um trabalho em que não se indica autoria:

No exemplo acima, percebe-se a explicação de um cálculo de autoria não identificada. Tal cálculo serviu como base para a geração de resultados que foram divulgados no decorrer do desenvolvimento deste determinado seminário.

- Explicação de dados estatísticos

A utilização de gráficos também se faz presente nos movimentos de desenvolvimento – ou exposição dos resultados. Como dito, a utilização desses textos auxilia no entendimento dos dados por parte de quem o lê.

Segue abaixo uma forma de utilização de dados estatísticos – que poderiam ser também gráficos:

Os elementos estatísticos (que envolvem gráficos, porcentagens, estimativas, médias etc.) são uma forma de ilustração muito comumente utilizadas nos cursos de Ciências exatas. Os dados estão geralmente organizados de uma forma sintética e objetiva, o que garante a fácil leitura e compreensão.



- Explicitação de dados históricos

Seminários que se preocupam em estabelecer relações passado/futuro necessitam desse passo como ponto basilar de sua exposição. Há também casos de exposições que tratam de modificações da legislação, então, para fundamentar que a lei deve se adaptar à necessidade histórica, faz-se o resgate histórico concomitante às modificações da lei.

Abaixo segue um caso em que ocorre a contextualização – ou resgate – histórico no decorrer do desenvolvimento:

- Teorização detalhada

Tanto quanto os gráficos, a utilização de elementos teóricos foi um dos passos que existiu tanto nos movimentos introdutórios quanto nos de desenvolvimento. Isso ocorre porque a teoria divulgada na fundamentação teórica serve como base para o que se decorrerá por toda a exposição oral – seminário.

No exemplo acima, observa-se um caso de teoria, no caso a de Caetano (sem identificação de data) que ocorreu no desenvolvimento, após vários outros passos retóricos. Isso pode ocorrer dada a necessidade do grupo em explicar paulatinamente cada teoria e cada fato histórico, de tal modo que a teoria não se concentre apenas na introdução, mas se espalhe no decorrer do texto oral.

- Problematização

Problematizar é questionar de alguma forma o elemento textual explorado. Refletir sobre suas formas de aplicação e não aplicação; suas vantagens e desvantagens. Ou seja, problematizar é refletir aplicabilidade que uma determinada teoria, dando-lhe problemas para que sejam resolvidos. Caso se encontre algum ponto negativo durante a problematização, outro ponto de fuga é buscado, de tal forma que se encontre um melhor modelo ideal e real para lidar com o determinado assunto.

Um exemplo de problematização ocorre no trecho abaixo:

O que ocorre na problematização, conforme o exemplo acima, é uma necessidade de questionar diretamente um caso ou uma teoria, de tal forma a por em cheque a sua validade. Será que esse modelo é sólido? Será que a teoria está certa? Muitas perguntas como essas podem ser feitas por parte de quem é um estudioso da área,

Na **conclusão**, movimento final dos seminários analisados, foram encontrados os seguintes passos retóricos: Apresentação de sugestões; Reflexões acerca da importância das sugestões; Síntese de ideias apresentadas; Encerramento; Agradecimentos; Aplausos do público; Bibliografia

- Sugestões e reflexões acerca da importância destas  
Simplesmente pontuar vantagens, desvantagens; problemas e soluções; não parece ser suficiente. Em alguns casos, os alunos se detiveram em buscar suas próprias propostas de solução, afirmando até mesmo que copiar soluções de casos terceiros pode não solucionar o mesmo problema em todas as partes do mundo.

Como forma de exemplificar as soluções propostas, temos o exemplo abaixo:

Reflexão acerca das sugestões:

- Retomada de alguns pontos da explicação de forma resumida  
Retomar elementos expostos durante a extensão do seminário na conclusão é uma estratégia utilizada para fazer com que o conteúdo já expandido seja lembrado de forma sintética, proporcionando, assim, o entendimento geral de todas as partes que foram explicadas separadamente.

- Agradecimentos

Os agradecimentos, em igualdade ao que foi observado na saudação ao público, é ignorado. Foram raros os elementos do corpus que fizeram uso desse passo retórico ao lidar com seus públicos. Conforme também já dito, a interação com o público é importante para que se estabeleça a conexão entre os alunos-especialistas e os alunos-expectadores. Caso isso não ocorra, uma divergência antagônica com relação ao conceito de seminário defendido por (DOLZ *et al.*, 2004) se configurará e a intenção comunicativa do gênero não será efetivada.

Nas interferências durante a realização dos seminários, realizadas por membros do auditório – turma e professor, observou-se os seguintes passos:

- Comentários dos colegas

Os comentários dos colegas acontecem raramente, no entanto, já representam algum ponto de interação entre o grupo apresentador e o grupo ouvinte. Além disso, nos exemplos, é possível observar que ocorre uma longa conversa entre um membro de um grupo expositor e um membro do auditório. O aluno que realiza a interferência aparenta estar em dúvidas com relação à clareza do que está sendo proposto pelo aluno expositor.

- Comentários do professor

Novamente é observável o problema de exposição com relação a um gráfico apresentado por um aluno, no entanto, neste momento, a interferência foi realizada pelo professor responsável pela turma. Há ainda de se observar que a pergunta não foi respondida de forma satisfatória, uma vez que o aluno respondeu de forma duvidosa “eu acho que é...”.

Com relação à **Exposição do oral**, no geral, os seguintes passos o constituem: apresentação de definições, explicações, apresentação de situações históricas, exemplificação, gráficos. Esses passos retóricos são comumente realizados por meio da exposição em *slides* seguida de uma breve explicação.

Percebe-se nas exposições a falta de domínio ou insegurança quanto ao conteúdo, por meio da recorrência frequente às anotações em caderno, da exclusiva leitura dos *slides*, dos truncamentos sintáticos, dos gaguejos, das pausas longas, como se verifica neste trecho:

O movimento retórico de encerramento é constituído pela discussão de soluções para resolver problemas apresentados ao longo do seminário, seguida da forma de encerramento “É isso”, ou do simples movimento de finalizar a transição de slides e fazer uma longa pausa, indicando encerramento da apresentação.

Quanto ao mecanismos linguísticos, constatou-se ausência de elementos coesivos, bem como de organizadores temporais e de elementos que servem para indicar a introdução de novos subtemas, bem como indicar as relações entre os conteúdos, sendo muito frequente o uso do termo “aí”.

Outra inadequação observada em um dos seminários é a abertura da exposição por meio da fala de um estudante: “e então... né? depois de três horas de sono...”.

## REFERÊNCIAS

- ASKEHAVE, Inger e SWALES, John. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G;  
BAKHTIN, Mikhail. M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].  
BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Seminário, mais que uma técnica de ensino: um gênero textual*. 2003. (Texto cedido pela autora).  
DELL'ISOLA, Regina. L. Péret. *Retextualização de Gêneros Escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.  
DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e

Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de e ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004b.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO *et al.* (Orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004a.

\_\_\_\_\_. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004b.

SWALES, John. *Genre analysis*. New York: Cambridge University Press, 1990.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O seminário como técnica de ensino socializado. In: VEIGA, I. P. A. *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas, SP: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Seminários escolares: gêneros, interações e letramentos*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Seminário: Um Evento De Letramento Escolar*. 2005. 163p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Ana Virgínia Lima da. Com a palavra, o aluno: processos de retextualização na exposição oral acadêmica. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes: Unicamp, 1993

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret . O sentido das palavras na interação leitor-texto. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. v. 1.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.